

DANIEL CAIXETA MANSUR DOS REIS

**TUDO MUDA: AS HISTÓRIAS DOS  
IMIGRANTES VENEZUELANOS NO BRASIL**

Viçosa – MG  
Comunicação Social / Jornalismo da UFV  
2019

DANIEL CAIXETA MANSUR DOS REIS

# **TUDO MUDA: AS HISTÓRIAS DOS IMIGRANTES VENEZUELANOS NO BRASIL**

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Kátia de Lourdes Fraga  
Coorientador: Diogo Soares Moreira Rodrigues

Viçosa – MG  
Comunicação Social / Jornalismo da UFV  
2019



Universidade Federal de Viçosa  
Departamento de Comunicação Social  
Curso de Comunicação Social/jornalismo

Projeto Experimental intitulado *Tudo muda: as histórias dos imigrantes venezuelanos no Brasil*, de autoria do estudante Daniel Caixeta Mansur dos Reis, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores e professoras:

---

Profa. Dra. Kátia de Lourdes Fraga – Orientadora  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

---

Prof. M.e Timóteo Westin de Camargo César  
Mestre em Sociedade e Fronteiras  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo UFRR

---

Jornalista Isac Oliveira Godinho

Viçosa, 29 de novembro de 2019

## **AGRADECIMENTOS**

Formar faz parte de um ciclo, como tudo na vida. Este trabalho simboliza o final do meu ciclo como estudante de Comunicação na UFV, um período de quatro fascinantes e intensos anos. A trajetória até aqui não foi fácil, mas com o apoio e carinho de muitos os obstáculos tornaram-se infinitamente menores.

A minha família foi peça fundamental durante todos os processos deste livro-reportagem, assim como em toda a graduação, e, para eles, dedico esse material. Agradeço especialmente ao meu pai, Heli, que trabalha na Operação Acolhida, em Boa Vista, e foi responsável por me aproximar da temática migratória. Durante a apuração realizada em Roraima, ele mostrou-se disposto a discutir as abordagens das pautas e guiar-me para caminhos que resultaram em boas histórias. Pai, eu entendo que a distância é por um bom motivo. A minha mãe, Lílian, que leu e releu todos os capítulos do livro-reportagem, me ajudando a encontrar imperfeições e debatendo sobre as escolhas feitas durante o processo de escrita. Mãe, espero que você também se orgulhe deste trabalho, pois, sem você, nada disso seria possível. Agradeço também aos meus irmãos, Pedro e Paulo, pela amizade e parceria incondicionais. Irmãos, juntos nos tornamos mais forte.

Não posso deixar de agradecer à Camila, pela presença nos momentos em que a rotina tornou-se sufocante e este trabalho motivo de noites mal dormidas. Ela também foi a responsável pela revisão do texto. Obrigado por trazer serenidade nos momentos difíceis. A minha orientadora, Kátia Fraga, por aceitar esse desafio e por confiar em mim. Ao Diogo, coorientador e amigo, que, desde o início, não mediu esforços para me ajudar nessa caminhada. Também serei eternamente grato aos técnicos, professores e amigos do departamento de Comunicação Social, em especial Yuri, Gustavo, Pedro e Wesley. Ao Isac e Timóteo, obrigado por aceitarem fazer parte da banca avaliadora deste trabalho. E, por último, agradeço aos imigrantes venezuelanos que confiaram em mim para ser o mediador entre as histórias deles e os leitores.

## **RESUMO**

O livro-reportagem *Tudo muda: as histórias dos imigrantes venezuelanos no Brasil* é um projeto experimental produzido como trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). O produto é composto por histórias de pessoas que foram forçadas a imigrar diante da crise econômica e social da Venezuela e encontraram refúgio no Brasil. A partir dos relatos dos imigrantes, são discutidos temas relacionados ao fluxo migratório e as vivências dos venezuelanos no Brasil, como a decisão de deixar o país, moradia, educação, empregabilidade, xenofobia, separação familiar e outros tipos de vulnerabilidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livro-reportagem; fluxo-migratório; Brasil; Venezuela.

## **ABSTRACT**

The book-report “Tudo muda: as histórias dos imigrantes venezuelanos no Brasil” is an experimental project produced as a course conclusion demand to obtain the Social Communication - Journalism’s bachelor in the Federal University of Viçosa. The product is composed of many people’s stories that were forced to immigrate because of the economical and social crisis in Venezuela and found refuge in Brazil. From the immigrants narratives, are explored themes related to the migration flow and the venezuelans experiences in Brazil, such as the decision of leave the country, housing, education, employability, xenophobia, family segregation and other types of vulnerability.

**KEY-WORDS:** Book-report; migration flow; Brazil; Venezuela.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1. MIGRAÇÃO E O FLUXO MIGRATÓRIO VENEZUELANO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. O JORNALISMO HUMANIZADO NO CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES FORÇADAS.....</b>	<b>14</b>
<b>3. O LIVRO-REPORTAGEM APLIANDO O JORNALISMO.....</b>	<b>16</b>
<b>4. RELATÓRIO TÉCNICO.....</b>	<b>18</b>
4.1 Pré-Produção.....	18
4.2 Produção.....	19
4.3 Pós-produção.....	25
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>28</b>

## INTRODUÇÃO

A xenofobia - aversão a pessoas e coisas estrangeiras - tem permeado os inúmeros fluxos migratórios atuais. O sociólogo Zygmunt Bauman avalia que este sentimento contrário aos imigrantes não é recente.

A dura reação xenofóbica ou racista da população nativa nas regiões receptoras do influxo maciço de “estranhos” tem sido, infelizmente, usual nos Estados Unidos desde a década de 1890, e na Europa Ocidental desde a de 1960. Mas a xenofobia e racismo são sintomas, não remédios. (BAUMAN, 2017, p.64).

Nessas localidades, como pontua Bauman (2017), as falas contrárias aos imigrantes ganharam parte do discurso de políticos populistas, que tratam a imigração como um mal a ser combatido e as pessoas que imigram (os “*estranhos*”) como as culpadas por todas as desordens sociais.

Nos Estados Unidos, Donald Trump constrói um muro para barrar os mexicanos. Na Hungria, a extrema-direita liderada pelo premiê Viktor Orbán aprovou, no ano de 2018, um conjunto de leis que criminaliza a ajuda aos imigrantes, tornando, assim, ilegal dar apoio financeiro ou informações sobre a legalização de pessoas que chegam ao país. As medidas passaram no parlamento com 160 votos a favor e apenas 18 contra<sup>1</sup>. Já no Brasil, mais especificamente em Roraima, a restrição aos imigrantes foi a principal pauta das eleições governamentais de 2018<sup>2</sup>.

Parte da população adere a esses discursos e sente-se legitimada para reproduzir atos de violência contra os que vêm, muitas vezes acrescidos de um nacionalismo exacerbado.

Diante desse cenário, a mídia tem um importante papel de agir para desconstruir estereótipos e preconceitos criados a respeito dos imigrantes, assim como para sensibilizar a população em relação a essa questão.

---

<sup>1</sup> Segundo a reportagem de Laila Mouallem publicada no *Nexo Jornal*, 21 jun 2018; disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/06/21/A-criminaliza%C3%A7%C3%A3o-da-ajuda-a-imigrantes-na-Hungria>.

<sup>2</sup> Segundo a reportagem publicada na *Agência Brasil*, 28 set 2018, disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/restricao-imigrantes-e-bandeira-de-governador-eleito-em-roraima>.

A Venezuela, país localizado no norte da América do Sul, que faz fronteira com o Brasil, Colômbia e Guiana, enfrenta uma grande crise humanitária. A escassez de remédios, alimentos e produtos básicos de higiene, acompanhada de uma alta inflação da moeda local (atualmente o país tem a maior inflação do mundo), uma onda de violência e comportamentos autoritários por parte do governo, vêm gerando um grande fluxo migratório para diversos países. Com o intuito de amparar essas pessoas que estão em situação de extrema vulnerabilidade social, o governo brasileiro, em parceria com as agências da ONU e organizações da sociedade civil, criou a “Operação Acolhida”, que oferece assistência emergencial aos imigrantes.

O livro-reportagem produzido conta histórias vivenciadas por venezuelanos durante esse processo de imigração. Começando pela decisão de deixar as suas casas, até o recomeço de uma vida estável a partir do processo de interiorização, mas passando também por diversos relatos específicos, como a questão da população LGBTI+, o dia a dia no maior abrigo de Boa Vista, a extrema vulnerabilidade dos menores desacompanhados, os riscos da travessia da fronteira durante o período em que essa foi fechada pelo presidente Nicolás Maduro, as ocupações espontâneas em prédios abandonados, os riscos na rotina da prostituição das mulheres conhecidas como “Las ochentas” e a solidariedade dos brasileiros com os imigrantes.

Este Memorial Teórico apresenta alguns aspectos da história da migração e dos refugiados, uma breve contextualização da crise humanitária na Venezuela e suas principais causas e consequências. Posteriormente, serão exibidas as teorias que guiaram o produto, como os conceitos de jornalismo humanizado e livro-reportagem, bem como a justificativa pela importância de utilizá-los. Ainda serão abordados os processos de pré-produção, produção e pós-produção utilizados no trabalho Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado de *Tudo muda: as histórias dos imigrantes venezuelanos no Brasil*.

A motivação do autor pelo tema é determinada por um interesse anterior à defesa dos direitos humanos. Sendo filho de dois defensores desses direitos, tive a oportunidade de, durante a infância e adolescência, transitar em comunidades periféricas da cidade de Salvador (BA) e envolver-me com projetos de cunho social. Já no ano de 2018, quando o

meu pai foi trabalhar na Operação Acolhida, em Boa Vista, comecei a relacionar-me mais intensamente com a questão do fluxo migratório venezuelanos

Em 2018, viajei para Roraima a fim de contar um pouco sobre esse processo de imigração forçada na reportagem “*Refugiados: o drama dos venezuelanos no Brasil*”. Nesta ocasião, foi observada a necessidade da mídia olhar de forma mais humana para os imigrantes, assim como a diversidade de histórias interessantes que existem nesse contexto.

## 1. MIGRAÇÃO E O FLUXO MIGRATÓRIO VENEZUELANO

São diversos os motivos que levaram o mundo a ter, até o fim de 2018, cerca de 25,9 milhões de pessoas buscando refúgio em outro país<sup>3</sup>. São homens, mulheres e crianças forçados a fugir dos seus países de origem diante de guerras, fome, violência, perseguições políticas e violações dos direitos humanos.

O fenômeno da migração (deslocamento de um local para o outro em busca de uma melhor condição de vida, seja para um país diferente ou dentro do mesmo país) acompanha a história da humanidade e a sua evolução. A descoberta de novos continentes por parte dos nossos ancestrais se dá diante de um processo migratório, tendo em vista que os *Homo sapiens* saíram da África há cerca de 100 mil anos para, assim, desbravar o mundo (BAUMAN, 2017).

Em momentos marcantes da nossa história, grandes fluxos migratórios também tiveram destaque, como nas diversas guerras que assolaram o mundo. Na maior já vista pelo planeta, a Segunda Guerra Mundial, milhões de pessoas precisaram abandonar as suas casas e recomeçar a vida em outro lugar, muitas vezes em países diferentes, configurando-se como um processo de imigração<sup>4</sup>.

Após este evento, surgiu a necessidade de criar uma instituição global que zelasse pelos refugiados e, assim, nasceu em 1950 o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Já em 1951, na Convenção das Nações Unidas relativa ao

---

<sup>3</sup> Fonte: Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados: *Global Trends Forced Displacement in 2018*. 2018.

<sup>4</sup> Entrada de indivíduo estrangeiro em outro país para trabalhar e/ou para fixar residência, seja permanente ou não. Todo processo de imigração também é considerado de migração. Porém, nem todo processo de migração é classificado como de imigração. Disponível em: <https://www.significados.com.br/imigrante/>

Estatuto dos Refugiados, também conhecida como Convenção de Genebra, determinou-se o que é um refugiado. Com o passar do tempo, esse conceito tornou-se mais amplo.

As pessoas refugiadas estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política. Também é considerado refugiado quem foi forçado a deixar seu país devido a conflitos armados, violência generalizada e graves violações dos direitos humanos. (ACNUR, 2019, p.2)

O Brasil foi um dos destinos dos europeus que deixaram as suas casas diante dos conflitos das duas grandes guerras mundiais. Assim como os diversos povos migrantes que por aqui chegaram antes, eles também contribuíram para fazer do nosso país um lugar de diversas culturas, religiões e costumes. Afinal, não tem como falar do Brasil sem, pelo menos, citar a multiculturalidade gerada, sem sombra de dúvidas, pelos povos que para aqui migraram em algum momento da história. Os indígenas brasileiros, primeiros a ocuparem o país, provavelmente chegaram através do estreito de Bering há 14 mil e 12 mil anos, descendentes, portanto, dos povos orientais (VAINFAS, 2000). Posteriormente, no ano de 1500, os portugueses desembarcaram em Porto Seguro e transformaram o Brasil em uma colônia de Portugal, atraindo vários lusitanos. Escravizados, os africanos também chegaram em grande número, amontoados em navios negreiros para trabalhar de forma forçada para os portugueses. Estima-se que cerca de 4 milhões de africanos foram obrigados a migrar para o Brasil no período de 1531 até 1850 (REIS, 2000).

Já após a abolição da escravatura, no século XIX, italianos, espanhóis, alemães e outros europeus chegaram para substituir a mão de obra dos negros nas plantações, diante do racismo existente na época reproduzida por grande parte dos fazendeiros através da não contratação de negros assalariados e da tentativa de branqueamento da população (SOUZA, 2017). No século XX, o número de imigrantes asiáticos, principalmente japoneses, (KODAMA, 2000) e árabes, entre libaneses, sírios, turcos, iraquianos, egípcios e palestinos, (MOTT, 2000) também foi acentuado no nosso país. Além das citadas acima, outras migrações em massa também aconteceram no Brasil, como dos haitianos e bolivianos no século XXI. Todos esses povos contribuíram para a construção de um país plural, com uma vasta culinária, diversos costumes e culturas.

Agora, um novo fluxo imigratório marca a história brasileira. Desta vez, em uma demanda de urgência, os refugiados venezuelanos clamam para que os brasileiros abram as portas do nosso país e os acolham.

É de conhecimento geral que a República Bolivariana da Venezuela atravessa uma enorme crise econômica que, somada ao autoritarismo do governo de Nicolás Maduro, gerou uma crise humanitária sem precedentes. Para entender o colapso da economia venezuelana, antes é necessário saber que o país, desde o início do século XX, tornou-se dependente economicamente das atividades petrolíferas. Essa dependência fez com que a história da Venezuela fosse “marcada por constantes ciclos em que se alternam períodos de prosperidade e crise econômica” (CARVALHO, 2018, p.104).

Como consequência da drástica desvalorização do barril de petróleo nos últimos anos - que chegou a valer U\$39,07, em março de 2016, ao passo que no ano de 2012, nesse mesmo mês, o preço era de U\$124,93<sup>5</sup> – a Empresa Estatal Petróleos da Venezuela (PDVSA) enfrentou várias complicações. Se no ano de 2013, segundo dados do Banco Central da Venezuela (BVC), as exportações superaram 85 bilhões de dólares para a empresa, no ano de 2018 a arrecadação não chegou a 30 bilhões<sup>6</sup>. Além disso, a produção também sofreu decréscimo. Há uma década, a oferta era de 3,2 milhões de barris de petróleo/dia. Em abril de 2019, esse número era de apenas 1,03 milhões/dia. Um grande abalo para um país que possui 96% da sua renda baseada nas exportações do óleo<sup>7</sup>. As baixas, como era de se esperar, atingiram o Produto Interno Bruto (PIB) do país, que em maio de 2019 já havia sofrido uma redução de 52% desde que Maduro assumiu, em 2013. A taxa de inflação explodiu, sendo em 2017, de forma disparada, a maior do mundo<sup>8</sup>.

Com tantas perdas na economia, os efeitos não demoraram a chegar à população. Um estudo nomeado “*Encuesta Condiciones de Vida (ENCOVI)*”, realizado em parceria

---

<sup>5</sup> Fonte: Index Mundi. *Preço de mercadoria: mercadoria preço petróleo bruto brent meses*. Acesso em 01/11/2019.

<sup>6</sup> Segundo reportagem da agência France Presse publicada pelo *GI*, em 29 mai 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/05/29/venezuela-teve-inflacao-oficial-de-130060percent-em-2018.ghtml>

<sup>7</sup> Segundo reportagem de Florantonia Singer publicada no *El País*, em 29 mai 2019 Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/29/economia/1559099315\\_404810.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/29/economia/1559099315_404810.html)

<sup>8</sup> Index Mundi. *Economia: Taxa de Inflação (Preços ao consumidor)*. Acesso em 01/11/2019.

por três grandes universidades venezuelanas, demonstrou que a pobreza afetou 87% da população no ano de 2017. Desses, 61,2% se encontravam em situação de pobreza extrema. Em 2014, a pobreza atingia 48,4% dos cidadãos, sendo 23,6% em condições de extrema pobreza. A falta de alimentos disponíveis no país começou a obrigar as famílias a adotarem novas estratégias para driblar a fome, como atravessar a fronteira ou vender objetos pessoais para comprar comida.

No entanto, a desnutrição atingiu parte dos venezuelanos, principalmente as crianças, de acordo com o Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos (ACNUDH). Os hospitais também enfrentam ausências de remédios e alimentos. Segundo médicos locais, o governo deixa de repassar suprimentos que poderiam evitar inúmeras mortes. Diante da inexistência de medicamentos nas farmácias, muitas vezes as pessoas precisam recorrer ao mercado negro para aquisição dos mesmos. Já entre setembro de 2017 e abril de 2018, 85,23% dos medicamentos essenciais para o tratamento de quatro das causas mais recorrentes de mortalidade no país não estavam disponíveis nos estoques das farmácias das cinco maiores cidades venezuelanas (ACNUDH, 2018).

Quem se opõe à política de Nicolas Maduro também sofre as consequências. Segundo o relatório *Violaciones de los derechos humanos en la República Bolivariana de Venezuela: una espiral descendente que no parece tener fin*, publicado pelo ACNUDH em 2018, opositores vêm sofrendo perseguições políticas, prisões arbitrárias, maus tratos e até tortura por parte das forças de segurança do governo. A ACNUDH afirma que entre os atos documentados que configuram como tortura estão:

A aplicação de descargas elétricas, golpes fortes – por exemplo, com canos de metal e tacos de beisebol -, violações e outras formas de violência sexual, asfixia com bolsas de plástico e produtos químicos, simulações de execuções e privação de água. (ACNUDH, 2018, p.42)

As dificuldades enfrentadas pela população não param por aí. A criminalidade registra números alarmantes, as pessoas não confiam no sistema jurídico, os órgãos estatais não conseguem mais fornecer serviços básicos para o povo, como saneamento básico, eletricidade e transporte público. (ACNUDH, 2018).

Diante de tantos problemas, em setembro de 2019, quase 4,5 milhões de venezuelanos já haviam deixado as suas casas na busca por uma melhor condição de vida,

segundo dados da plataforma de coordenação para refugiados e migrantes da Venezuela (R4V). A maioria decidiu imigrar, diante da proximidade geográfica, para países da América Latina. Desses, 1,4 milhões se locomoveram para a Colômbia, já que o país faz fronteira terrestre com a Venezuela, possui o mesmo idioma e uma certa similaridade cultural. As principais cidades venezuelanas, como a grande Caracas, estão mais próximas à fronteira colombiana, o que facilita o trajeto em relação às demais portas de saída. Outros países que possuem o espanhol como língua oficial também receberam muitos refugiados. Entre eles, destacam-se Peru, Chile, Argentina e Equador. No caso do Brasil, o fluxo migratório alcançou o número de aproximadamente 180 mil pessoas, de acordo com a R4V. A maioria chega pela fronteira entre as cidades de Santa Elena de Uairén e Pacaraima, a última situada no estado de Roraima. Vários deles carregam, durante a travessia, apenas água, a roupa do corpo e pequenas mochilas com alimentos para a longa viagem. Outros até trazem dinheiro, mas quando realizam a conversão, muitas vezes, o valor se torna irrisório para se sustentar por alguns dias.

Para amparar esse grupo que está em situação de extrema vulnerabilidade social, o governo brasileiro, em parceria com as agências da ONU e organizações da sociedade civil, criou a “Operação acolhida”, que oferece assistência emergencial aos refugiados e migrantes venezuelanos. A operação é dividida em três principais eixos: ordenamento de fronteira, que identifica e encaminha o venezuelano para solicitar refúgio ou residência no Brasil; o abrigo, que ampara as pessoas e lhes dá moradia, alimentação, produtos de higiene básica e assistência médica no país; e a interiorização, que é o processo de enviar os venezuelanos para outros estados, tendo em vista que Roraima não possui muitas indústrias e, por isso, não existem muitas oportunidades de trabalho.

No início de 2017, também aconteceu a criação da nova Lei de Migração<sup>9</sup>, revogando o Estatuto do Estrangeiro. Dessa forma, foi abandonada a visão, pelo menos no âmbito jurídico, de que o migrante é uma ameaça à segurança nacional, muito comum na época da ditadura militar. Agora, o imigrante que chega ao nosso país está em igualdade de condições aos cidadãos brasileiros, possuindo direito de reunião e associação, de acesso à justiça e direito à defesa. A nova lei segue a tendência progressista da legislação brasileira quando o assunto é a migração. Atualmente, todos os venezuelanos que chegam ao país são bem-vindos. Eles podem cadastrar-se em dois tipos

---

<sup>9</sup> Lei nº 13445/2017

de modalidades para poder morar no Brasil legalmente, sendo elas: a solicitação para o refúgio, que é concedida na maioria das vezes para os perseguidos políticos e pessoas que estavam sob grande ameaça no país de origem; e a autorização para residência, que foi criada a partir da nova Lei de 2017, e assegura a possibilidade de residir temporariamente ou definitivamente.

O ACNUR considera que a maioria dos que fogem da Venezuela necessitam de proteção para os refugiados. Diante da dificuldade de avaliar caso por caso, o órgão sugere que seja feito um reconhecimento coletivo.

Para certos perfis de venezuelanos em risco, a Convenção de 1951 sobre os Refugiados é aplicável. Em qualquer caso, a maioria dos venezuelanos precisa da proteção internacional de refugiados, com base nos critérios mais amplos da Declaração de Cartagena de 1984 aplicada na América Latina. Isso ocorre por conta das ameaças às suas vidas, segurança ou liberdade resultantes de circunstâncias que estão perturbando seriamente a ordem pública na Venezuela. (ACNUR, 2019b)

## **2. O JORNALISMO HUMANIZADO NO CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES FORÇADAS**

Em um contexto de crise humanitária e de crescimento do sentimento de xenofobia, que reforça estereótipos negativos e preconceitos em relação aos imigrantes, o jornalismo humanizado torna-se uma importante ferramenta de transformação da opinião pública. É necessário pensar na mídia como um agente transformador, capaz de gerar sentimentos como empatia e solidariedade, na tentativa de defender os direitos humanos e o multilateralismo, no cenário dos que visam refúgio na América do Sul, Europa e América do Norte, por motivos como guerras civis, catástrofes ambientais, perseguições políticas e a fome.

Para atingir tal objetivo, diante da complexidade da crise humanitária, é necessário mudar a abordagem feita pela mídia em relação aos fluxos migratórios forçados. Um grande desafio, diante da tendência de priorizar os acontecimentos quentes, dados e fontes oficiais à vida humana.

Mudar as abordagens significa sobrepor a dimensão humana dos fatos ao fato propriamente dito; desafiar o peso do agendamento dos

acontecimentos quentes sobre aqueles mais frios, como o cotidiano dos refugiados e daqueles em busca de ajuda; humanizar os dados estatísticos sobre as populações atingidas por guerras e desastres, o que pode ser alcançado com a humanização do jornalismo como um todo, começando pelos personagens das narrativas. Conferir protagonismo aos que estão no centro dessa crise humanitária torna-se um recurso indispensável para a construção de uma opinião pública lúcida, pensante, atuante e sensível ao desenvolvimento da compreensão da solidariedade em escala planetária. (VICTOR, 2016, p. 53)

Ampliar a visibilidade dos imigrantes torna-se fundamental na tentativa de produzir uma peça jornalística humanizada. Além disso, é necessário saber trabalhar os dados, acontecimentos quentes e as fontes oficiais de forma que não se sobreponham à dimensão humana.

Consequentemente, abre-se margem para que a mídia combata os preconceitos e estereótipos relacionados aos refugiados. Além disso, cria-se uma relação de solidariedade entre as vítimas da crise humanitária e a população civil de todo o mundo, principalmente os cidadãos de países que servem como refúgio.

Bonfim (2002) utilizou uma interessante comparação para analisar quais vozes estavam sendo acessadas nas matérias jornalísticas sobre o combate à fome. Ele utiliza a classificação de participantes “sem poder” - as pessoas comuns - e as “com poder” - os jornalistas, especialistas, políticos, líderes religiosos e líderes de movimentos políticos alternativos - . O observado foi que as vozes “com poder” eram muito mais acessadas do que as “sem poder”, mesmo sendo o último grupo que estava no centro da questão da fome.

Para humanizar o jornalismo, torna-se importante priorizar as fontes comuns. Não quer dizer que deve-se ignorar os dados, observações e comentários de economistas, ativistas, ONG's e demais, mas sim reiterar a vivência dos verdadeiros protagonistas das histórias.

No caso do livro-reportagem produzido, as fontes priorizadas foram os imigrantes venezuelanos. Todavia, também foram utilizados muitos dados e entrevistas com fontes “com poder” para complementar os relatos. Abordando essas narrativas, é possível aproximar ainda mais o público leitor dos imigrantes, gerando empatia e alertando para a defesa dos direitos humanos neste cenário da crise humanitária e do fluxo migratório.

### 3. O LIVRO-REPORTAGEM AMPLIANDO O JORNALISMO

No livro “*Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*”, Lima (2004) já chama a atenção para um diferencial do gênero no próprio título. O livro-reportagem não é como um livro comum, pois nele existe um compromisso com os fatos, com a realidade, não há brechas para invenções, pois é um veículo jornalístico. Porém, mesmo mantendo características como a clareza dos fatos, ele permite ao autor a oportunidade de navegar no espaço da literatura. Não existe uma linha exata definindo o que é literatura e o que é jornalismo. O livro-reportagem pode transitar entre esses dois espaços, em uma mesma obra, gerando o *jornalismo literário* (LIMA, 2004).

O livro-reportagem concede ao escritor várias outras vantagens. Uma delas é o maior espaço de tempo disponível para a apuração. Selecionar boas histórias, pesquisar para entender as conjunturas em que acontecem os fatos e escolher bem as palavras usadas no texto são exercícios que demandam tempo. Porém, em um momento em que o jornalismo diário<sup>10</sup> corresponde a maioria dos meios de comunicação e há uma enorme pressão para que se produza muito em pouco tempo, a tentativa de se produzir narrativas com apurações mais longas e com um grau de imersão maior, muitas vezes acaba sendo frustrada.

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embulhar o peixe na feira. (PENA, 2006, p.6)

Além disso, outro fator que é extremamente importante para a produção jornalística é o espaço que o produto tem reservado para ser inserido. Em um jornal

---

<sup>10</sup> Compreende-se neste texto o jornalismo diário como aquele praticado nos grandes meios de comunicação de massa como rádio, televisão, jornal impresso e web, onde prioriza-se o “furo” da notícia e a velocidade da publicação ao invés da apuração jornalística completa e a busca pela contextualização dos fatos.

impresso, por exemplo, uma reportagem pode ocupar uma ou duas páginas; em uma revista, quatro ou seis páginas. Já o livro-reportagem concede ao autor uma maior liberdade de páginas, o que, se bem utilizado, pode ser valioso para a reprodução de boas histórias.

O tempo para a apuração, assim como o espaço, são úteis na busca pela *universalidade* no livro-reportagem, ou seja, para que o autor encontre abordagens de diferentes campos do conhecimento humano, a fim de retratar diversos temas, como também diferentes aspectos sobre um tema (LIMA, 2004). No caso deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), campos como a economia, psicologia, história e geografia foram essenciais na tentativa de alcançar a *universalidade*. Além disso, foram abordados diversos aspectos dentro do tema central, como a prostituição, a questão LGBTI+, o fechamento de fronteira, entre outros, sempre dentro da temática do fluxo migratório dos venezuelanos para o Brasil. A decisão de escrever um livro-reportagem também passa pela ideia de que ele é a forma máxima de ampliar o debate sobre uma temática no campo do jornalismo. Em outro gênero jornalístico seria mais difícil englobar tantos assuntos de forma profunda em apenas um produto.

Entendendo a reportagem como a ampliação da notícia, a horizontalização do relato - no sentido da abordagem extensiva em termos de detalhe - e também sua verticalização - no sentido de aprofundamento da questão em foco, em busca de suas raízes, suas implicações, seus desdobramentos possíveis -, o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado - quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos-, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 2004, p.26)

Os detalhes da horizontalização do relato, combinados com a verticalização do aprofundamento do fato, fazem do livro-reportagem um produto rico em informações e, em determinados momentos, elas são cruciais para o imaginário do leitor. Durante a escrita do livro-reportagem *Tudo muda: as histórias dos venezuelanos no Brasil*, esses conceitos foram aplicados na intenção de permitir que o leitor entenda o contexto das situações atravessadas pelos personagens. No capítulo três (A travessia por “*las trochas*”), por exemplo, são dadas informações sobre o clima, vegetação e relevo, a fim

de possibilitar a imaginação, de forma fiel a realidade, de como eram as trilhas utilizadas para atravessar a fronteira no período em que ela estava fechada.

Para a ampliação das narrativas a partir de um livro-reportagem é importante evidenciar no texto questões como o contexto: situação em que se insere a narrativa ou o fato; antecedentes: acontecimentos anteriores aos fatos; suporte especializado: busca por especialistas de outras áreas de conhecimento a fim de explicar as narrativas e os fatos; projeção: tentativa de projetar os acontecimentos futuros; o perfil: personagens que tenham as suas histórias retratadas a fim de humanizar o livro-reportagem. (LIMA, 2004, p.114).

No Brasil, bons livros-reportagens servem de inspiração para quem admira o gênero. Exemplos de histórias que foram muito bem contadas e que abordaram diferentes temas, como *Rota 66* (1992), de Caco Barcellos, que fala sobre a violência policial; *Holocausto brasileiro* (2013), de Daniela Arbex, que relembra a história das pessoas que viveram no manicômio de Barbacena, em Minas Gerais; e *A vida que ninguém vê* (2006), de Eliane Brum, em que a autora apresenta histórias incomuns de pessoas anônimas.

#### **4. RELATÓRIO-TÉCNICO**

Este capítulo contempla as etapas necessárias para o desenvolvimento do projeto experimental intitulado *Tudo muda: as histórias dos imigrantes venezuelanos no Brasil*, dividido em três partes, pré-produção; produção; e pós-produção.

##### **4.1 PRÉ-PRODUÇÃO**

O primeiro passo do trabalho foi iniciar as pesquisas por bibliografias que auxiliassem na escrita e inspirassem pautas e angulações sobre o tema da migração venezuelana no Brasil. A partir do conhecimento de que o ACNUR era a principal instituição mundial sobre o tema, foram feitas buscas por textos publicados por ele e por parceiros. A pesquisa documental iniciou-se no primeiro período de 2019, para elaborar o pré-projeto exigido na disciplina de Trabalho de conclusão I (COM 390). Foram feitas leituras sobre jornalismo humanizado, livro-reportagem, situação econômica e social da Venezuela, fluxos migratórios, o estatuto sobre o refúgio no Brasil e a Operação Acolhida.

Porém, uma dificuldade foi a falta de bibliografia sobre o tema na língua portuguesa. Importantes textos publicados por agências da ONU como, *Global Trends*

*Forced Displacement in 2018* e *Turn the tide: Refugee education in crisis*, ambos do ACNUR, foram acessados na língua inglesa. Já outros, como *Violaciones de los derechos humanos en la República Bolivariana de Venezuela: una espiral descendente que no parece tener fin*, do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH), foi acessado em espanhol. Esses foram textos importantes para entender a situação e, mesmo com o conhecimento básico das línguas, a leitura fica mais devagar, o que retardou um pouco essa etapa, tendo em vista que alguns deles são longos.

Ao mesmo tempo em que eram realizadas as leituras, definiu-se, em conjunto com a orientadora, como seria o formato do livro-reportagem. Já no segundo período, em agosto, foi acertado que o livro seria um compilado de reportagens sobre as situações atravessadas pelos venezuelanos durante o processo de imigração para o Brasil. Cada capítulo seria embasado no relato de uma família, indivíduo ou grupo social, sobre diferentes aspectos da imigração venezuelana para o Brasil. Começando pela decisão de deixar a Venezuela, e finalizando com uma história de reconstrução da vida por meio da interiorização, já que essa é tida como a solução pela operação acolhida.

Para usar como base, foi criado um sumário com as possíveis temáticas que seriam abordadas, dentro da central, que é a desse fluxo migratório, e as principais perguntas que deveriam ser respondidas ao aborda-las. Cada temática corresponderia a um capítulo. Após essa divisão inicial, foram produzidas uma pauta para cada temática. A pauta é um importante instrumento no jornalismo para guiar o repórter no momento da apuração, nela é programada a forma de abordagem jornalística de um evento a partir dos fatos geradores de interesse do público (LAGE, 2006). No caso das que foram produzidas, continham informações como o tipo de fonte que seria necessário buscar para protagonizar o capítulo e em quais locais seria possível encontrá-las; fontes documentais de relevância (dados, leis, etc); fontes oficiais que poderiam ajudar na busca por informações pertinentes; importância e os objetivos de contar as histórias apresentadas no mesmo; e a angulação que seria adotada.

## **4.2 PRODUÇÃO**

Com a pauta pronta, era hora de partir para a apuração de campo, que dividiu-se em dois momentos. Tendo conhecimento que a primeira interiorização para trabalho promovida pela Operação Acolhida foi feita para a Bahia, mais precisamente para o município de Alagoinhas, e aproveitando que o autor, diante de outros compromissos, já

viajaria para a Bahia no mês de agosto, foram contatadas pessoas que participaram desse processo e realizadas 2 (duas) entrevistas.

Já o segundo momento da apuração de campo realizou-se entre os dias 26 de setembro e 24 de outubro, em Roraima, estado que mais recebe imigrantes venezuelanos no Brasil, sendo 6 (seis) dias em Pacaraima, cidade que faz fronteira com a Venezuela, e os outros 22 dias na capital Boa Vista. Além disso, foi possível atravessar a fronteira para a cidade venezuelana de Santa Elena de Uairén. Ao todo, em Roraima, foram realizadas entrevistas gravadas com 13 fontes, todas essas que deram origem as histórias citadas durante o livro-reportagem. Além dessas, outras inúmeras entrevistas foram feitas de forma informal, com membros da sociedade-civil da operação acolhida, imigrantes venezuelanos, membros das agências da ONU, militares que estão na operação e pessoas que residem em Boa Vista ou Pacaraima e acompanharam a transformação dessas cidades após o início desse fluxo. A experiência em Roraima mostrou-se essencial para entender mais sobre esse fluxo migratório para o Brasil, tendo em vista que ali estão a maioria dos imigrantes venezuelanos.

Um fator de extrema importância durante as entrevistas foi o tratamento com as fontes. Elas estavam prestes a relatar histórias que vivenciaram, fatos que aconteceram durante o processo de imigração e, em várias oportunidades, coisas pessoais de conhecimento apenas do núcleo familiar daquele indivíduo ou de amigos mais próximos. Em alguns casos, segredos “guardados a sete chaves” que, posteriormente, foram escritos preservando o anonimato da fonte. Escutar essas histórias não seria possível sem conquistar a confiança dessas pessoas, um processo que foi feito com cuidado, respeito e empatia.

Nas histórias de vida, antes de mais nada, é preciso conquistar a simpatia do entrevistado. E isto não se faz com meias-verdades, com mentiras, com falsa identidade, com câmeras ocultas ou com qualquer outro expediente escuso. Pelo contrário, para estabelecer uma boa interação com a fonte, o jornalista deve ser honesto, transparente, amigo, companheiro. Ninguém abre a caixa preta da vida, na sua intimidade mais crua e mais exposta, a uma pessoa não confiável, estranha, maquiavélica. Por outro lado, o próprio jornalista deve se precaver para não se envolver em situações ilegais. (CAMPOS, 2009, p.11-12.)

Para ganhar a simpatia das fontes, como preconizado por Campos, aderiu-se ao seguinte método. Antes de começar a entrevista, o entrevistador era apresentado como

estudante de jornalismo e mergulhava em uma conversa informal com a fonte. Em alguns momentos essas conversas chegaram a durar horas, até que fosse estabelecido um vínculo daquela fonte com o entrevistador e tivesse a certeza de que aquela história era realmente relevante para a pauta pensada. Em alguns casos, foram feitas conversas informais por até dois dias, para só no terceiro o gravador ser ligado. Isso aconteceu, por exemplo, no caso do capítulo das ocupações espontâneas, já que, segundo os administradores do abrigo, parte da mídia local<sup>11</sup> publica muitas notícias que distorcem a imagem dos venezuelanos, os administradores do abrigo Criança Feliz criaram uma regra que os moradores não podem receber jornalistas para entrevistas e fotos, dentro do local, sem a autorização da maioria dos administradores. No dia da primeira visita ao abrigo, foram apresentadas a alguns moradores as intenções do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A maioria das pessoas logo se mostrou a favor de liberarem as entrevistas e fotos. Porém, uma minoria estava desconfiada. Então, realizou-se a visita, mas sem fazer fotos e ou gravar outro material. No dia seguinte, foi feita outra visita ao local, novamente sem pretensão de gravar e tirar fotos. Neste dia, foram definidas as fontes que seriam entrevistadas e marcadas as entrevistas para o dia seguinte. Apenas na terceira visita foram feitas fotos e gravadas as entrevistas. Naquele momento, já existia a aprovação de grande parte das pessoas que se mostraram desconfiadas anteriormente, assim como das que desde o início se mostraram dispostas a colaborar. A confiança da comunidade, neste caso, fez-se ainda mais importante porque o foco desse capítulo é o próprio abrigo. Caso a maioria não estivesse de acordo, seria prejudicial, inclusive, no decorrer das entrevistas, mesmo essas sendo realizadas de forma individual.

Nas entrevistas, utilizou-se o método proposto por Duarte (2008), de entrevistas em profundidade. Este método propõe que sejam obtidas respostas através das experiências das fontes, com a atenção para entender o fenômeno não apenas através da resposta, mas também pelo ambiente, o comportamento da fonte durante a entrevista, seus gestos e movimentos. A decisão de utilizar este método se dá pois, “entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas.” (DUARTE, 2008, p.62).

---

<sup>11</sup> Jornais impressos, rádios e portais da web que produzem conteúdo jornalísticos com sede na cidade de Boa Vista.

Além disso, diante do fato das entrevistas realizadas serem qualitativas e não quantitativas, o que permite que o roteiro de perguntas seja flexível e não necessariamente esteja fechado em perguntas pré-estabelecidas, o modelo de entrevista escolhido foi a semiaberta, já com o recorte dos capítulos, ou seja, existia um roteiro com perguntas pré-estabelecidas para as fontes participantes de cada capítulo, mas com uma flexibilidade para fazer perguntas que não seguissem esse roteiro. Muitas vezes, existia a tentativa de reconstruir os acontecimentos vivenciados por essas pessoas. Logo, as perguntas que surgiam eram bem específicas de cada caso.

Já que foi decidido anteriormente abordar inúmeros temas diferentes, da questão dos menores até a prostituição, por exemplo, foi necessário fazer essa divisão para a condução das entrevistas, pois, mesmo que todas as temáticas estejam englobadas pelo tema principal do fluxo migratório, muitas vezes elas são totalmente distintas.

Uma questão que era prevista como uma adversidade, mas que, no decorrer das entrevistas, foi facilmente superada foi a barreira da língua. A maioria dos imigrantes entendem as perguntas feitas em português. Logo, as entrevistas, inicialmente, eram feitas com perguntas em português e respostas em espanhol. Frequentemente, era necessário fazer perguntas misturando palavras das duas línguas, já que o entrevistador não domina totalmente a língua espanhola. Também era necessária a compreensão da fonte para, muitas vezes, repetir o que foi falado ou falar de forma mais devagar. Mas nada que impedisse o pleno andamento das entrevistas.

Além das entrevistas, um método importante para entender esse fluxo migratório foi a observação participante, intensificada no período da apuração em Roraima. Durante esse tempo, foram visitados abrigos, espontâneos e da Operação Acolhida, sempre, quando necessário, com a autorização do ACNUR; foram feitas caminhadas pelas ruas e pela rodoviária, local que concentra muitos recém chegados; e visitou-se instituições da sociedade civil que fazem parte da Operação Acolhida, assim como projetos e eventos promovidos por esses.

A utilização de métodos de observação permite ao pesquisador naturalmente captar a ação e as rotinas da redação, sem qualquer força ou influências externas. A observação também possibilita a percepção de diversas perspectivas para determinada situação. (WEISS. SCHWINGEL, 2008, p.100).

Dessa forma, tornou-se possível entender alguns aspectos do fluxo migratório, muitas vezes alterando as angulações previstas anteriormente em relação as temáticas que seriam abordadas. Durante o decorrer da apuração em campo, principalmente no período em Roraima - que houve a maior intensidade de apuração e de entrevistas realizadas - pautas foram alteradas, excluídas e acrescentadas. Temas que, antes se mostravam interessantes na etapa da pesquisa, mas no decorrer da apuração notou-se que não tinham tanta relevância ou assuntos que, durante a observação participante, se mostraram extremamente significativas para compreender o fluxo migratório dos venezuelanos no Brasil. No final, foram escritos nove capítulos, sem contar com a introdução, sobre os seguintes temas e com as seguintes fontes (preservando as identidades anônimas utilizadas no livro sinalizadas com \*):

Um caminho sem volta (capítulo 2): Neste capítulo foram apresentadas algumas das transformações na vida da família Guzman\* causadas pela crise econômica e social da Venezuela. A partir dessas mudanças, foram expostos os motivos que fizeram a família emigrar. A história mostrou-se relevante para o tema porque o Miguel\*, um dos integrantes da família, era policial na Venezuela. Logo, quando ele saiu do país e solicitou o refúgio foi considerado um desertor pelo governo venezuelano, não podendo voltar ao país sem uma mudança deste entendimento por parte das autoridades.

A travessia por “*las trochas*” (capítulo 3): A discussão sobre o fechamento de fronteira é abordada através da história de Ismael, que, ao precisar ir para o Brasil com o intuito de despedir da sua filha e esposa que seriam interiorizadas, recorreu às trilhas conhecidas como “*trochas*”, encontrando adversidades e perigos. O texto percorre todo o trajeto feito pelo venezuelano, de Puerto Ordaz, no nordeste da Venezuela, até Boa Vista.

Novo velho lar (capítulo 4): Encontrar uma moradia é uma das principais dificuldades dos venezuelanos que chegam ao Brasil. Por isso, abordamos essa questão a partir de relatos dos moradores do *Criança Feliz*, um abrigo espontâneo – que não é gerenciado pela Operação Acolhida – localizado em Boa Vista. Anteriormente, o local estava abandonado e foi ocupado por famílias que estavam nas ruas. Neste capítulo, o protagonista é o próprio abrigo, mas o texto é guiado pelas histórias de Carlos, para falar sobre a relação de solidariedade existente no local; de Ariangela e Angel, umas das poucas crianças do abrigo matriculadas na escola, para discutir sobre as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes para ter acesso à educação; e de Morryn, que relata sobre o processo de ocupação do local.

Uma “minicidade” chamada Rondon III (capítulo 5): O capítulo conta sobre como funciona o maior abrigo da Operação Acolhida em Boa Vista, o Rondon III. Neste capítulo, foram utilizadas entrevistas com os gestores do local, da ONG AVSI e do Exército brasileiro, para entender como é a rotina no local. O texto também conta sobre o aniversário de 1 ano do abrigo e a importância de se manter as tradições culturais das pessoas que ali moram.

Ser LGBTQ+ é um risco na Venezuela, Brasil e Guiana (capítulo 6): A partir do relato da jovem trans Karolina, são abordadas as violências as quais a população de refugiados LGBTQ+ está exposta. O capítulo se passa no trajeto que a moça faz após ser agredida até o seu abrigo, passando pelas avenidas Venezuela, Brasil e Guiana. Enquanto ela percorre essas avenidas, é discutido sobre a questão LGBTQ+ nos países que dão nomes a elas. A partir da história da Samantha\*, também se discute sobre as dificuldades que essa população possui para conseguir emprego.

Os meninos deixados para trás e os que migram sozinhos (capítulo 7): É apresentada a realidade de extrema vulnerabilidade de crianças e adolescentes que são deixados por seus pais na Venezuela enquanto eles imigram ou que chegam ao Brasil desacompanhados. Para falar sobre este segundo grupo, é contada a história de Jorge\*, criança de dez anos que imigrou sozinho. Neste capítulo, utilizou-se a entrevista com a psicóloga do Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados em Boa Vista, Maysa de Oliveira. Além disso, foi acompanhado uma breve entrevista da psicóloga com a criança.

“*Las Ochenta*”, as venezuelanas que se prostituem em Boa Vista (capítulo 8): Neste capítulo é abordada a prostituição das mulheres venezuelanas na região do Caimbé, em Boa Vista. Discute-se sobre a falta de emprego para os imigrantes em Boa Vista, principalmente as mulheres, motivos pelos quais as fontes, Julie\* e Ivana\*, que em seu país de origem nunca haviam se prostituído, decidiram recorrer ao ofício. As violências e depreciações contra as trabalhadoras do sexo também são discutidos.

O caminho da interiorização (capítulo 9): Tendo em vista que a primeira interiorização para trabalho promovida pela Operação Acolhida foi feita para Alagoinhas (BA), buscamos a família Muñoz Bello para relatar como foi esse processo e como tem sido a adaptação na cidade baiana. A história da família torna-se ainda mais interessante pois, com o passar do tempo, vários parentes deles conseguiram a interiorização para a Bahia através da modalidade de reunião familiar.

Entre o ódio e a humanidade (capítulo 10): O capítulo final faz uma comparação entre os atos de xenofobia, no Brasil e no mundo, e a solidariedade para com os imigrantes. Para finalizar, é contada a história do nascimento do filho do casal de venezuelanos, Alex e Jan, que, após serem interiorizados, moram em Alagoinhas. A comunidade local ajudou a família durante os primeiros meses, principalmente diante das demandas do nascimento do bebê.

Tendo em vista que o intuito do livro-reportagem é de que ele seja consumido por leitores, ou seja, a fonte terá a sua história revelada para diversas pessoas, foi necessário pedir que elas assinassem um documento autorizando a publicação dos seus relatos e o uso das suas imagens. Faz-se importante para evitar futuros processos por uso indevido de imagem (CAMPOS, 2009).

Na maioria dos capítulos as fontes autorizaram que fossem publicadas suas informações pessoais, como nome, idade, cidade de origem, histórias e fotos. Porém, por decisão em conjunto com a orientadora, optou-se por preservar a identidade de algumas delas. Para isso, foram substituídas informações como nome, idade e cidade, que podem identificar a pessoa. As seguintes fontes foram preservadas: a criança citada no capítulo dos menores desacompanhados; as profissionais do sexo; e a família do capítulo *Um caminho sem volta* (capítulo 2), já que um deles é considerado desertor pelo governo venezuelano. A decisão foi feita por compreender que a exposição poderia trazer prejuízos futuros para essas pessoas e está assegurada no direito de proteção da fonte, artigo 5º da constituição, inciso XIV, que define que o jornalista, quando necessário ao exercício profissional, pode resguardar o sigilo da fonte. (Constituição Federal de 1988, Artigo 5º, Inciso XVI).

### **4.3 PÓS-PRODUÇÃO**

Após a escrita, foram feitas revisões do conteúdo por parte da orientadora. Também houve uma revisão ortográfica. O livro-reportagem foi diagramado no *Adobe InDesign CC 2014*, sendo a fonte utilizada no texto a *antipasto* tamanho 11,5.

Também produziu-se a capa do livro, que tem como plano de fundo uma mochila conhecida como “*mochila de la patria*” (mochila da pátria em tradução livre do autor) e é distribuída pelo governo para as crianças nas escolas públicas. Já que muitos imigrantes venezuelanos utilizam ela durante o processo de imigração, a mochila tornou-se uma

“marca” dessas pessoas. Também foram produzidas ilustrações para o início de cada capítulo, com imagens referentes ao conteúdo dos mesmos.

Já o título *Tudo Muda: as histórias dos venezuelanos no Brasil*, remete à música “*todo cambia*”, de autoria do chileno Julio Numhauser, compositor forçado a deixar o seu país durante a sangrenta ditadura militar de Augusto Pinochet, que perseguiu e matou opositores entre 1973 e 1990. A letra fala que tudo muda, a natureza, o clima, as convicções e, também, as pessoas. A única coisa que não muda é o amor pela sua terra, assim como a recordação do sofrimento do seu povo, por mais longe que ele estivesse.

Cambia el pelaje la fiera	A fera muda a pelagem
Cambia el cabello el anciano	O ancião muda o cabelo
Y así como todo cambia	E assim como tudo muda
Que yo cambie no es extraño	Que eu mude não é estranho
Pero no cambia mi amor	Mas não muda meu amor
Por más lejo que me encuentre	Por mais longe que eu esteja
Ni el recuerdo ni el dolor	Nem a lembrança nem a dor
De mi pueblo y de mi gente	Da minha cidade e meu povo
Lo que cambió ayer	O que mudou ontem
Tendrá que cambiar mañana	Terá que mudar amanhã
Así como cambio yo	Assim como eu mudo
En esta tierra lejana	Nesta terra distante

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a produção deste livro-reportagem, muitas coisas que foram planejadas precisaram ser alteradas. A apuração de campo mostrou-se fundamental para o próprio autor, mesmo tendo acesso a vários textos sobre a imigração venezuelana para o Brasil, mudar as suas opiniões sobre várias temáticas. Pautas foram acrescentadas, outras caíram, mas, no final, apurar sabendo que a pauta tem a função de orientar e não de cercear o trabalho jornalístico foi primordial para encontrar boas histórias. Neste sentido, passar um mês no estado que é porta de entrada para a maioria dos imigrantes venezuelanos, e, conseqüentemente, concentra a maioria deles, provou-se extremamente importante. A escolha da fonte, que normalmente é uma dificuldade para os jornalistas, neste trabalho

foi uma tarefa simples. A verdade é que a maioria dos que imigram tem uma história interessante para contar, digna de estar neste livro-reportagem.

Por outro lado, houve dificuldade no processo da escrita. Diante do pouco tempo restante para a entrega do trabalho, nem sempre foi possível encontrar a horizontalização do relato, no sentido de detalhar o máximo possível as situações vivenciadas pelas pessoas, assim como a verticalização do fato, na busca pelas raízes, implicações e desdobramentos dos acontecimentos, como propõe Lima (2004). O que tornou a leitura, em algumas partes, um pouco acelerada. Mesmo assim, o livro-reportagem aborda diversos aspectos ligados à temática central deste fluxo migratório, a todo momento buscando as causas e consequências, mergulhando nas histórias para saber o que existe além do *lide*.

No entanto, é importante ressaltar que esse trabalho não tem o objetivo de responder todas as questões envolvendo a migração venezuelana para o Brasil ou contemplar todas as histórias. Foram deixadas de lado temáticas importantes, como a migração indígena, assim como não foram feitas análises mais aprofundadas, como em relação as questões psicológicas envolvendo as crianças deixadas para trás e as que migram sozinhas. Porém, não é possível esgotar as temáticas e abordagens de uma situação tão complexa e profunda. Sabendo disso, podemos afirmar que este livro-reportagem vem para acrescentar ao debate sobre esse tema, trazendo uma visão humanizada. Uma perspectiva com o intuito de chamar a atenção do público para as pessoas que se encontram nessas situações.

Humanizar o jornalismo neste contexto é defender os direitos humanos e tentar fazer com que os leitores também o defendam. Creio que essa é a “semente” que os jornalistas devem plantar em um mundo um tanto egoísta em algumas circunstâncias. Por isso, fico feliz em produzir este livro-reportagem que simboliza o fim da minha trajetória no curso de Comunicação da UFV. Tenho o “pé no chão” de saber que este trabalho não mudará a visão de muitas pessoas sobre o fluxo migratório, mas são os pequenos impactos que, somados, podem gerar uma grande mudança no pensamento da sociedade, e acredito que várias das minhas fontes também entendem assim. Por isso, em todas as oportunidades, sempre fui muito bem tratado por elas. Os agradecimentos dessas pessoas estavam nos abraços após a conversa, em cafezinhos, e até petiscos oferecidos por quem tem tão pouco. Isso tudo tornou produzir este livro-reportagem um motivo de grande satisfação para mim.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS DIREITOS HUMANOS, *Violaciones de los derechos humanos en la República Bolivariana de Venezuela: una espiral descendente que no parece tener fin*. 2018.
- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. ACNUR: *protegendo refugiados no Brasil e no mundo*, 2019.
- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS: *Global Trends Forced Displacement in 2018*, 2019.
- BAUMAN, Z. *Estranhos à nossa porta*/Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2017. P. 69-70. BOMFIM, J. *A fome que não sai no jornal: O discurso da mídia sobre a fome*. Brasília: Plano editora, 2002.
- CAMPOS, P. *Gêneros do jornalismo e técnicas de entrevistas*. Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2009.
- CARVALHO, R. *O petróleo e a crise econômica venezuelana: Impactos socioeconômicos na Zona de fronteira Brasil-Venezuela no período de 2008 à 2015*. Repositório da UFRR, 2018.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. En Duarte, Jorge; Barros, Antonio (Orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. (2ª ed.) (pp. 62- 83). São Paulo: Atlas, 2008.
- KODAMA, K. *O sol nascente do Brasil: um balanço da imigração japonesa*. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro, 2000.
- LAGE, N. *Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- LIMA, E. P. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- VAINFAS, R. *História indígena: 500 anos de despovoamento*. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro, 2000.
- MOTT, M.L. *Imigração árabe: um certo oriente no Brasil*. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro, 2000.
- PENA, F. *O jornalismo literário como gênero e conceito*. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006.
- R4V, Plataforma de coordinación para refugiados y migrantes de Venezuela. Acesso em 20 out 2019.
- REIS, J.J. *A presença negra: encontros e conflitos*. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro, 2000.

SOUZA, J. A *Elite do atraso: da escravidão à Lava Jato* / Jessé Souza. – Rio de Janeiro: Leya, 2017. P. 73-74.

UNIVERSIDAD SIMÓN BOLÍVAR, UNIVERSIDAD CENTRAL DE VENEZUELA, UNIVERSIDADE ANDRÉS BELLO, *Encuesta Sobre Condiciones de Vida en Venezuela*, 2018.

VICTOR, C. *Crise humanitária e os refugiados da guerra e do clima: dos protocolos internacionais às narrativas jornalísticas*. LÍBERO - São Paulo - v.19, n.37-A, p.45-54, jul./dez. de 2016.

WEISS, A. SCHWINGEL, C. *Uma delicada relação no jornalismo: O encontro do conteúdo e da produção nos sistemas de gerenciamentos de conteúdos. Um estudo comparativo da sistemática de trabalho das redações no Brasil e Estados Unidos*. Brazilian journalism research (Versão em português) - Voume 1 - Number 1 - Semester 2- 2008